TL1329-20

O SONHO DA CRIANÇA TIMORENSE

FATIMA GUTERRES
E
HELENA MORAIS

O SONHO DA CRIANÇA TIMORENSE

Lembram muito pouco, quase nada. Que Timor é esse das suas memórias ?...

Nascem a resistir à História, continuam a História e são essa geração nova que fará a futura História de Timor.

" Pegavam nas crianças pequenas, agarravam-nas pela pernas e giravam com elas ; batendo contra as paredes, pedras ou troncos de árvores; até lhes esborrachar as cabeças. Rasga-las a meio. Trapos na boca e nas narinas até perderem a respiração. De todas as idades, estas crianças massacradas. Bébes de colo foram queimados dentro das próprias casas, e de casas souberam também as grades.

Esfaqueam mulheres grávidas, retiram filhos de mães mortas ou deixa-nos devagar morrer dentro da morte. "

O indonésio proibe o nascimento das crianças timorenses e para isso obriga todas as mulheres a alistarem-se no planeamento familiar, " keluarga berecana ", apesar da não aceitação do povo por contadição com os seus valores e fé religiosa. Utilizam comprimidos, preservativos, injecções de DEPO PROVERA 150, cuja marca e modelo é considerado " medicamento de morte" e já proibido em trinta países.

O indónesio diz que o objectivo de tal procedimento é diminuir a miséria, melhorar as condições económicas das famílias para que as crianças consigam ter uma vida melhor e mais saudável.

O indónesio começa também a capturar crianças muito pequenas de forma a lhes retirar Timor Leste de dentro delas, tirar da cabeça essa História, a delas.

Tudo isto são pretextos de assassino para levar a cabo a politíca de genocídio do povo timorense. Trata-se também de uma forma de criar espaço para que possam exportar os seus miseráveis agricultores para Timor."

Crianças que aprendem a guerra mesmo antes de nascerem para a guerra, que sãs ou deficientes são recebidas no mundo por essa mesma guerra.

No interior, principalmente, falta à criança o apoio dos pais que as abandonam em casa ao cuidados dos irmãos mais velhos de quatro ou cinco anos, sem qualquer responsabilidade e na maioria das vezes sem comida. Os pais esses, são obrigados a ausentarem-se para prestarém seriços gratuitos ao Estado, nas várzeas, nas hortas, nas estradas e a acompanharem os militares

nas suas operações nas montanhas e desta forma não tem tempo para se dedicarem aos seus trabalhos individuais para sustento da família. É por isso que acontecem muitas desgraças em quase todos os lares e acabam por ser as crianças as mais atingidas; falta de comida, roupa, medicamentos, assistência médica e cuidados suficientes.

As crianças acabam assim por fabricar e inventar os seus próprios brinquedos para além de que os brinquedos das lojas indónesias não correspondem com as suas tradicionais brincadeiras.

Crianças que nascem com o medo de tudo e de todos.

Testemunhei eu estes casos dolorosos:

Eu e o meu marido Artur do Nascimento (membro do Comité Central da Fretilin e dirigente do Comando das Operações)encontravamos nas montanhas de Timor Leste com as forças de guerrilha e brigada de choque, juntamente com o comandante Paulo Soares, a esposa Palmira Sarmento e as duas filhas, Ligía de cinco anos e a Célia de três.

Durante o cerco e aniquilamento tivemos várias emboscadas e assaltos para além das perseguições do inimigo da planicíe de Alas-Natarbora-Barique e resolvemos atravessar a ribeira " Mota Lamaran ". Estavamos na época das chuvas e como a passagem não nos foi permitida acampamos em " Sukaer Lara" . Trinta e um de Janeiro de 1979, 17 horas. Um quarto de hora depois fomos assaltados pelas tropas indónesias. Debaixo dos tiros de rajada, alguns já tinham escapado ao cerco e os outros tentavam a fuga quando, de repente, se ouve um " Ai Mãe " e Palmira com a Célia abraçada ao pescoço caem atingidas pela mesma bala assassina. A custo saimos do cerco e depois de muito andar conseguimos reunir aos restantes que nos aguardavam. Acampamos ao escurecer, sem comida. Fez-se o silêncio com o cantar dos grilos e dos bichinhos da noite, dentro do capim, quando se ouve um voz muito fraquinha perguntar:

" Papá eu quero a mamã! Onde está a mamã e a Celita ?". Chora. O pai responde: " Elas já não vem mais . Já estão com Jesus. " Continua a chorar. Geme nos braços do pai até amanhecer. Choramos todos a dor de Ligía.

Depois de terem morto o meu marido, fui levada presa para Alas e de seguida para Cassoau-Barique. A partir dai fui obrigada a sevir de guia ao " Batalhão 745 " nas operações que faziam nas montanhas de captura das FALINTIL e da população.

Foi em meados de Março de 1979, no prosseguimento das operações, que as tropas indónesias assaltaram uma pequena aldeia em " Kairui ", área de Laleia, e destruiram tudo que encontraram pela frente, inclusivé uma grande horta comunal, depois de tudo saquear. Puseram oa aldeões, desde velhos a crinças, em fila e mataram-nos a todos à rajada. Sobreviveu um bebé de três ou quatro meses que assustado chorava junto à mãe morta e que acabou por

ser puxado pelos pés. Brutalmente carregaram a boca no seio da mãe para que mamasse, e era sangue o que corria.

Alguns foram à horta buscar milho tenro e colocaram junto ao bebé dizendo: " se tiveres fome come esses grãos...".

Estava esgotada de sofrimento, pela morte de meu marido e pelos maus tratos recebidos. Não resisti aquela cena cruel e o ódio creceu todo em mim. Fui buscar, doída, para ficar comigo aquele bébé. Intervieram e tiraram-me a criança ameaçando-me para que me não metesse nos seus assuntos e para que os deixasse trabalhar em paz e fazer o que lhes apetecesse. Partimos e como guia, não soube o que fizeram à criança

CRIANÇAS CONTAM

Carolina Carvalho

Carolina está em Portugal com os pais e os irmãos há quase três anos. Quando cá chegou sentiu tudo muito diferente daquilo que vivia.Tudo era novo e as crinças que encontrava nas ruas não tinham as caras assustadas das crianças de Timor Leste.

Diz que lembra cenas horriveís e que essas, jamais as tirará do pensamento.

Recorda ainda a escola " Externato de S. José " em que andou e das brincadeiras que tinha com as colegas: colocavam em cima do muro da escola várias latas vazias de cerveja e tentavam deita-las abaixo com pedrinhas. Um dia, aconteceu que as tropas indónesias passaram de carro e viram-nas naquela brincadeira. Depois de várias voltas pararam. Desceram do carro. Apanharam pedras e fingiram que também queriam fazer parte da brincadeira. De repente, as tropas na rua começaram a apedrejar as crianças e as que já se encontravam dentro do muro da escola encostaram os canos das armas aos pescosços e ameaçaram-nas. Muitas ficaram feridas e houve um colega de sala da Carolina que ficou muito doente, de medo e susto. A partir dessa altura nunca saiam da sala d'aulas nos intervalos.

Estava a Carolina com uma tia grávida na casa dos avós quando viram um grupo de tropas indónesios invadir uma casa vizinha e pouco depois ouvira-se tiros. Atrapalhadas e assustadas fecharam-se no quarto e a tia ficou muito mal de saúde.

Lembra também que os militares entravam no quintal dela e das vizinhas e estragavam tudo o que tinha sido plantado.

Uma noite entraram em casa da Carolina, quatro carrascos indónesios armados e o pai foi ao encontro deles. De repente começaram a dar-lhe socos e a espanca-lo até sangrar, na presença dela, dos dois irmãos e da mãe.

Sempre que vai à praça Carolina lembrasse das frutas que havia no seu quintal, de várias espécies e das muitas vezes em que as ia vender para depois comprar o pão para a casa e para os vizinhos sem nada que comer.

Diz que se sente bem em Portugal, mas gostava mais de estar em Timor. Porque tem saudades das crianças vizinhas e das brincadeiras dentro do quintal. Mas mesmo assim ainda tem esperança de voltar um dia à sua terra natal, nem que tenha de esperar muitos anos.

Enquanto isso, estuda e sonha ser cantora, bailarina e jornalista para além de querer tirar um curso em que possa ser útil quando um dia voltar a Timor Leste. Gostaria de criar escolas e depois convencer as pessoas adultas e as crianças a frequentarem, mesmo filhos de tropas indónesias com mulheres timorenses e que nasceram em Timor.

ALVARO ALVES SILVA

A minha mãe, Glória Alves, esteve presa durante onze meses entre Setembro de 1978 e Agosto de 1979. O meu pai, Mau Seran, era membro do Comité Central da Fretilin e esteve preso durante um ano, seis meses e vinte e um dias na cadeia da comarca de Balide. Passou a maior parte dos dias na cela e quase sempre algemado. No dia 14 de Maio de 1979 foi transferido para a sede da polícía politíca (INTEL) no edificío de Sang Tai Hoo e aí é que os meus pais se conheceram. Contactavam-se com frequência, o inimigo suspeitou e colocou-os em quartos diferente mas continuaram a mandar bilhetinhos. Foram apanhados e o meu pai foi brutalmente espancado até deitar sangue pela boca e pelas narinas e a minha mãe levou os maiores insultos.

Em 15 de Junho de 1979 libertaram o meu pai. A 23 de Fevereiro de 1980 os meus pais casaram e em Abril do mesmo ano, pelas 2h 15 da manhã, nasci eu.

Devido à situação politíca do meu pai, ele não podia trabalhar para o Estado da Indónesia e era apenas um simples motorista de táxi, " lima puluh ". O que ganhava era muito pouco e no dia em que nasci não tinham roupa para me vestirem, apenas umas fraldas e uma camisinha oferecida por uma tia minha.

No dia 15 de Junho de 1980 o meu pai foi novamente preso. Partiu para nunca mais voltar e deixou-nos apenas 10000 rupias (1000$00). Eu com dois meses de idade já sentia falta dos carinhos dele, apesar de não o ter conhecido como outras crianças, mas só conseguia adormecer com uma camisa dele ao lado.

Depois de algum tempo de espera, eu e a minha mãe, deixamos a nossa casa e fomos viver com os meus avós maternos.

A minha mãe arranjou um emprego numa empresa " Bintang Timur " de um chinês timorense e recebia por mês 20000 rupias (2000$00) que só dava para comprar 4 latas de leite " Moly", 2kg de açucar e 2 latas de Nestum.

Eu era muito doentio, desde as primeiras semanas e até aos oito meses de idade, sofria muito de tosse convulsa, febres e diarreias contínuas e só aos 2 anos é que comecei a dar os meus primeiros passos.

Quando eu tinha ainda 6 meses de idade faltava-me quase sempre leite, porque a minha mãe não tinha dinheiro, e então cozia o milho pilado e alimentava-me com o caldo. Vendeu as suas jóias, inclusivé a aliança de casamento, para poder comprar os medicamentos e pagar ao médico indónesio quando adoeciamos. Vendia também roupas de outras pessoas e por cada peça recebia 500 rupias (50$00) que não dava para nada.

Depois foi trabalhar numa loja dum amigo durante dois anos e meio e ganhava 45000 rupias (4500$00) e conheceu um senhor Francisco Benevides que ia várias vezes à loja tirar fotocópias e prometeu-lhe arranjar um emprego no Estado. Ela aceitou e começou a tratar dos papeís às escondidas do patrão porque ela cumpria sempre as ordens dele e ele, não a queria perder.

Foi admitida no " Pertanian" (Agricultura) com o vencimento de 140000 rupias (14000$00).

Eu tinha 5 anos e inscreveram-me numa creche indónesia " Taman Anak ". Não gostei nada porque os filhos dos indónesios batiam-me sempre, mas tive de aguentar até ao fim do mês que a minha mãe já tinha pago 25000 rupias.

Aos 6 anos fui matricular-me na escola " Externato de S. José ", as minhas professoras eram todas timorenses. Isabel Noronha da 1ª classe, Ana Maria da 2ª classe,Genoveva Moniz da 3ª e Aliança Araújo da 4ª classe. Sempre fui bom aluno e cumpridor dos meus deveres.

Lembro-me que huve uma altura em que os indónesios queriam fechar a escola e aquela ideia não agradou a ninguém e principalmente aos pais dos meninos da escola. Enquanto os superiores da escola ainda discutiam o problema; as tropas indónesias, policía de segurança pública e militar adiantaram-se e no dia 15 Novembro, pelas 10h, assaltaram a escola. Bateram dos míudos (dos 7 anos para cima) e no meio da confusão alguns cairam e os indónesios aproveitaram para lhes pisarem os braços e as pernas. Se não fosse a intervenção do Padre Jacob Filomeno e de D. Ximenes Belo, os indónesios não paravam.

Depois dos acontecimentos, todos os míudos que iam para a escola levavam pedras nas pastas.

Um dia, a caminho da escola, fui seguido por um carro de militares armados, assustei-me e com medo desatei a correr pelos quintais adentro em direcção a casa e acabei por perder os meus livros todos.

Com 5 anos já fazia parte do corpo de escuteiros católicos, com sede em Balide,o qual se dividia em: lobitos,avezinhas,exploradores, pioneiros e caminheiros.

A última manifestação a que assisti foi no dia 4 de Novembro de 1990, aniversário da diocese de Dili. Os escuteiros receberam ordens para não participarem, mas o entusiasmo dos manifestantes era tão forte que os escuteiros mais velhos não resistiram e despindo as camisas juntaram-se-lhes.

Na altura da ida do Santo Padre a Timor, nos dias 6,7 e 8 de Outubro, os escuteiros acamparam no ponto mais alto da gruta de Nossa Senhora em Comoro. À meia-noite, os militares correram connosco dizendo que era proibido estar ali. Desmancharam as tendas e descemos à planicíe onde passamos a noite. De manhã, fomos ao poço para nos lavarmos e a água estava amarela. Tinha veneno para ratos "Rachum" para nos matar.

Eu e alguns dos meus companheiros fizemos o juramento do escuteiro no último dia da pregrinação de Nossa Senhora que correu todo o território de Timor Leste. À noite fizemos uma procissão de Comoro até Lecidere-residência episcopal.

Lembro-me dum colega meu que era muito pobre. Dividia sempre com ele o meu lanche e as minhas roupas.

Tenho saudades da minha irmã Judit, filha do primeiro casamento do meu pai, à qual morreu a mãe quando nasceu.

Lembro-me dos meus avós paternos que ofereciam tudo o que tinham. Tenho muitos primos e há um que é orfão de pai e mãe, que foi criado pelos avós e depois da morte deles passou a viver com uma tia.

Quando me matriculei na 4ª classe a inscrição foi paga por uma tia minha. Lembro-me de ter vendido os berlindes que ganhava nos jogos, dez por 100 rupias.

Quando deixei a minha terra, Timor Leste, para vir para Portugal fiquei com muitas saudades de todos: amigos,avós, tios, primos e a minha bisavó. No aeroporto beijei o chão sagrado antes de entrar no avião "Garuda".

Cheguei a Portugal em Setembro e em meados de Outubro fui matricular-me na Escola Preparatória da Amadora. Não tive dificuldades em integrar-me e nem em conviver com os novos colegas porque falamos a mesma língua portuguesa.

Fiquei muito admirado quando no intervalo distribuiram pão e leite, coisa que não existe em todas as escolas de Timor depois da invasão dos indónesios.

Fui bem recebido na escola e as minhas notas foram sempre boas, até hoje.

Tenho muitos amigos e de vez enquanto vou estudar para casa deles. Jogo futebol mas gostava também de ir para a natação, mas a minha mãe não tem possibilidade de pagar.

Já em Timor Leste era do Benfica. Assisti aos jogos na televisão em 1987,1989 e em 1990 e como eu muitos timorenses que ficaram emocionados quando viram a bandeira portuguesa e ouviram cantar o hino.

Gosto de ouvir noticías de Timor Leste, mas só quando são boas. Quando vi as imagens do massacre no dia 12 de Novembro, chorei de raiva dos indónesios. Vi no jornal um colega meu, Alex, com o punho cerrado.

O meu maior desejo agora é estudar para um dia ser alguém na vida e quando voltar, poder servir-lhe.

JOSÉ e ARTUR GUTERRES B.

Artur e José são irmãos. O Artur tinha dois anos e José um mês de idade quando vieram de Timor. Não lembram mas gostam de ouvir as coisas que os familiares lhes contam dessa terra.

O Artur era bonito, tinha os cabelos encaracolados, andava sempre de tronco nu e quando fazia muito calor, tomava banho de água fria no quintal com a prima. Os vizinhos adoravam-no e muitas vezes pregavam muitas partidas aos pais que ficavam muito aflitos com o seu desaparecimento. Brincava com os filhos dos vizinhos indónesios, cada um na sua língua.

O Artur adoecia muitas vezes por falta de vacinação. Quando faltava o dinheiro era obrigado a comer do que houvesse.

Ele diz que tem muitos sonhos e um deles é ser médico, para poder ir a Timor Leste tratar dos doentes e dos feridos pois das imagens que viu do massacre de Santa Cruz não viu nenhum médico a dar assistência.

Todas as vezes que vê na TV as crianças africanas lembra-se das crianças timorenses que também passam fome, não tem roupa e não podem brincar, rir e ir à escola.

O Artur lembra sem lembrar as tropas indónesias: quando, nos primeiros tempos em Portugal, saiu à rua e viu tropas desatou a chorar.

José fala: " todos os dias ouço a minha família e as pessoas que passam por casa, falar muito de Timor Leste. Descobri assim que é a minha terra natal, invadida pelas tropas indónesias. Eu nasci lá mas não a conheço. Não sei falar a minha língua mas compreendo-a. Quero voltar para Timor pois quero conhecer a minha terra e os meus irmãos timorenses, mas só quando os indónesios de lá sairem, porque tenho medo que eles me matem.

Eu vi as imagens do massacre de 12 de Novembro, fiquei com muito medo, assustei-me porque parecia que estavam a olhar para mim.

Eu sou timorense, gosto de Portugal, mas Timor é a terra dos meus pais, avós, bisavós.

EUGÉNIA GUTERRES

Como muitas crianças timorenses, Eugénia viveu os primeiros anos de idade cheios de dificuldades, até sair de Timor com sete anos.

Lembra de muito pouca coisa a não ser da escola "Externato S.José", a missa todas as manhãs e a limpeza do pátio e das salas antes di inicío das aulas.

Lembra da casa onde nasceu, do quintal e da bomba d'água, das árvores de fruta;bananeira,mangueiras,limoreiro,toranjeira,goiabeiros ,e dos bambueiros que chiavam com o vento, para além das flores.

Não se esqueceu do medo e do susto que apanhou quando uma tarde, a brincar sózinha na varanda, ouviu os cães todos da vizinhança a ladrar e viu aparecerem muitos soldados indónesios armados que invadiram os quintais e entraram pelas casas ,a gritar, fazendo rusgas. Fugiu para dentro de casa e escondeu-se, prometeu a si mesma nunca mais voltar a ficar sózinha na rua e nem sequer no quintal.

Sentiu muitas saudades dos amigos e dos vizinhos quando veio para Portugal.

Gostava muito de um dia voltar a Timor, mas só quando a guerra acabar, e entretanto estuda para ser alguém na vida. O seu maior sonho é rever a sua terra natal e os irmãos timorenses para lhes dar todo o apoio.

FILOMENA FARIA

Filomena nunca conheceu o pai, morreu tinha ela um mês no ventre da mãe.

Durante o cerco e aniquilamento em, 78/79,a mãe foi capturada como a maioria da população, nas montanhas. Em Dili foi viver para casa dos sogrose quando a Mena nasceu tiveram que ir viver para casa dos avós maternos.

A mãe começou a vender as suas roupas e jóias a algumas "ibus" (senhoras indónesias) e com esse pouco ajudava em casa. Eram os avós e as tias que a sustentavam. Arranjou depois emprego numa loja dum indónesio como empregada de balcão, mas veio a ser despedida.

Do segundo casamento da mãe nasceram-lhe mais cinco irmãos.

Desistiu da escola na terceira classe devido aos cada vez maiores problemas financeiros da familia e ficou em casa a ajudar a mãe a tomar conta dos irmãos, a cozinhar, apanhar lenha, tirar água do poço enquanto a mãe fazia bolos que ela vendia de casa em casa.

A Mena ainda se lembra da casa onde viveu e do quintal onde ajudava a mãe a fazer canteiros para as couves,tomates,alfaces e feijoeiros. Quando chovia a água enchia os quintais todos e arrastava tudo, mas isso só aconteceu depois da invasão.

Lembra de ir à missa aos domingos com os vizinhos à igreja da Imaculada Conceição em Balide e de Stº António em Motael. Nas visitas que a " Sagrada Familia" fazia em casa das pessoas durante um dia, as familias reuniam-se, rezavam todo o dia e toda a noite e na despedida serviam café, bolos ou almoços.

Nunca brincou com filhos de indónesios porque não gostava deles e não lhes entendia a língua.

Lembra dum irmão do padrasto que foi perseguido pelas tropas indónesias e escondeu-se em casa dela, para além do incêndio no paiol no fim do ano. Foram acordados pelos vizinhos, a mãe arrumou algumas roupas em lençois

e foram todos pernoitar para casa de parentes, enperando o pior. Voltaram para casa depois de tudo calmo.

Tem saudades de todos, mas principalmente da mãe que se separou dela para ficar com o pai e isto apesar de ter nome para poder sair. Custou-lhe imenso mas foi a melhor coisa que ofereceu a Mena.

Diz que irá esforçar-se muito nos estudos para alegrar o coração da mãe e que um dia, se Deus quiser, quando tiver um bom emprego e muito dinheiro irá a Timor, mesmo com os indónesios, só para abraçar a sua querida mãe.

CIRELEO B. LOBATO

O Leo nasceu nas montanhas de Timor Leste durante a invasão da tropa indónesia em 1975. O pai, António Lobato, era comandante de uma companhia das forças de guerrilha da zona de Soibada.

Viveu desde sempre a guerra e os primeiros meses passou-os acampado entre Soibada e Barique.

Durante um dos assaltos, debaixo dos tiroteios e da grande confusão da fuga, o Leo ficou sózinho dentro da casa que já ardia. O pai, a muito custo,conseguio tirar-lo e perante as passagens fechadas pelo inimigo só teve como alternativa atirar-se, abraçado ao filho, por um precepicío. Reuniram-se depois aos restantes e à mãe que já tinha perdido as esperanças todas. Tendo perdido tudo, ficaram sem ter que comer e a mãe já sem leita para o amamentar.

O Leo não se lembra nada do pai; ele e a mãe foram separados forçadamente ao cairem numa armadilha de traição durante um ausência do pai na linha de fogo; e soube que pouco depois foi morto em Alas amarrado a dois arames espetados no peitoe a chorar pelo irmão, assim como toda a familia paterna, por ser irmão do presidente Nicolau Lobato.

O Leo está com a mãe em Portugal e tudo lhe faz lembrar Timor, onde ainda continua a sonhar voltar um dia.

AS COISAS QUE SEI...

O nascimento de uma criança era esperado com muita alegria. A família preparava um saco, feito de folhas de palmeira, de meio metro onde colocava cinzas e que serviria para por a placenta e o umbigo do recém nascido.

A placenta era considerada como irmã do bebé e quando este estava a sorrir a dormir, as mães diziam que estava a brincar com a irmã.

Após um mês do nascimento, a familia reunia-se para a preparação de uma festa. Os pais escolhiam um casal ao qual chamavam AMAN TULA e INAM TULA pra serem padrinhos do saco que continha a placenta e o umbigo. Convidavam os amigos e restantes familiares, tendo como chefes também um casal, AMAN URI e INAM URI.

Chegado o dia da festa, toda a gente aparecia de roupa nova e com as cabeças enfeitadas de penas , flores de várias espécies e folhas de malus (folhas de betel que as mulheres timorenses mascam), acompanhados do som dos batuques,gongos e tamboris. Uma parte acompanhava os pais e padrinhos para a cerimónia que se realizava muito longe de casa. Chegados ao local escolhido, ficavam todos à volta do gondoeiro e os padrinhos trepavam-no, colocavam no cimo o saco e rezavam, findo o qual regressavam. A outra parte, que ficava em casa, ultimavam os preparativo e iam de encontro dos restantes carregados de bambús de água e bolinhas de lama. Mal os avistavam, corriam para eles e atiravam-lhes com a lama e a água até os sujarem por completo. Após a brincadeira, voltavam a casa onde após o banho continuava a festa com jantar e baile.

Antes do nascimento preparavam também grandes pedaços de lenha para fazerem uma fogueira permanente, durante quarenta dias, em frente da cama "lantém" que era feita de bambú, para a mãe e o bebé se aquecerem e para a preparação da comida e da água para o banho. O banho era dado pelas mulheres mais velhas e experientes. A mãe era obrigada a beber água muito quente várias vezes, quase escaldava, para ter bom leite para amamentar, conservar a beleza e evitar certas doenças.

Quando a criança era ainda pequena a mãe levava-a sempre com ela para a horta ou nos trabalhos caseiros.

Aos seis, sete anos, tanto rapaz como rapariga, já ajudava a mãe nos trabalhos mais leves como o ir buscar água à nascente, apanhar lenha e cuidar dos irmãos.

Se era rapariga e vivia na montanha, a mãe ensinava-a a cozinhar, a semear, apanhar algodão para depois fiar e tecer coisas pequenas como cintos e cachecois.A colheita do café ou do chá eram os rapazes e as raparigas que a faziam.

Se era da planicíe,para além de cozinhar a mãe ensinava-a a costurar, fazer cestos,saquinhos para o sal, leques com as folhas daspalmeiras e fazer vasos, panelas,potes de barro. Aprendia também a pilar o sagú,ceifar o neli, separar no arroz a casca do farelo.

Quanto ao rapaz, aos cinco,seis anos começava a acompanhar o pai aonde quer que fosse. Se o pai ia à feira vender,fazer permutas ou cobrar dívidas ele acompanhava-o sempre levando aa suas rações, um galo ou um cão para lhes fazeram companhia e uma flecha para se defenderem.

Aos nove, dez anos e se era da montanha, começavam a ajudar o pai a carregar troncos pequenos para vedar a horta,preparavam as sementeiras, queimavam e limpavam. Quando já tinha tudo pronto era ele quem tomava conta por causa dos macacos, dos porcos bravos ou dos búfalos. Apreendia a tirar o mel e o vinho da palmeira. Tomava conta dos búfalos,cavalos e cabritos.

Se era da planicíe, cuidava das ovelhas e ajudava o pai a canalizar a água para as várzeas. O pai ensinava-os também a construir a casa.

As crianças timorenses brincavam às escondidas, imitavam a luta dos galos com duas folhas dobradas ao meio e com um pico de toranja a fingir de navalha. Jogava o " kuda tali rebo rebo ", agarrados à corda do cavalo montavam os paus e galopavam pelos montes. As raparigas brincavam com os irmaozitos ou faziam bonecos de barro.

A maioria destas crianças não iam à escola porque os pais não tinham possibilidades de lhes comprar os livros e pagar os professores e porque mesmo eles tinham mais amor à agricultura e ao cuidar dos animais. Os que iam, poucos, tiravam a quarta classe e desistiam por terem que ajudar os pais. A catequese só a frequentavam depois dos dez anos.

Aos quatro, cinco anos já alguns pais tinham escolhido a noiva ou o noivo e deixavam como marca "keru" um objecto de valor como prova de que já tinham dono. Os dois iam crescendo sem saberem de nada, chegando a passar ainfância juntos. Quando atingiam certa idade, os pais de ambos reuniam-se e falavam com eles esclarecendo-lhes que eram primos prometidos "tunanga", que nasceram um para o outro e já tinham sido escolhidos desde crianças. Mesmo que nunca viessem a gostar um do outro, eram obrigados a casar.

As crianças timorenses que pertenciam à classe média eram,mais ou menos um terço, filhas de funcionários públicos, professores, catequistas e pequenos proprietários. A preocupação dos pais era trabalhar para as sustentar, vestir e educar.

A maioria dessas crianças nasceram em casa e muito poucas na maternidade, apenas os casos dificeís.

Embora não dessem muito valor ao nascimento duma rapariga, devido às tradições ainda vinculadas no seio da família timorense, estas eram educadas da mesma forma que os rapazes. Eram castigadas sempre que desobedeciam aos pais e apenas entravam nas conversas que diziam respeito a elasou quando indagadas. Eram proibidas de escutas as conversas dos mais velhos e muito menos interromper; quando tinham visitas, depois de as cumprimentar e de servirem o café iam brincar.

Quase sempre os rapazes acompanhavam os pais e as raparigas as mães. Mesmo que tivessem pessoas para cuidar delas, as mães nunca as deixavam sózinhas, com medo que algo lhes pudesse acontecer.

Aos seis,sete anos entravam na escola e frequentavam a catequese nas freiras ou na igreja como preparação para a primeira comunhão. Acabada a quarta classe, algumas raparigas desistiam de estudar por livre vontade, outras, eram obrigadas,pelos pais, a faze-lo para ajudarem em casa a mãe ou porque foram pedidas em casamento ou simplesmente por falta de possibilidade de lhes pagarem as propinas. Mas mesmo assim, iam apreender costura em casa de costureiras ou nas freiras.

Mesmo tendo possibilidades economicas de adquirir brinquedos, as crianças timorenses apreendiam a faze-los e assim as raparigas, aproveitando panos velhos, faziam bonecas de vários tamanhos que depois oferecia às amigas. Os rapazes esses, iam às torangeiras e escolhiam a toranja mais redondinha e mais parecida com o tamanho duma bola de futebol, batiam com ela numa

pedra até amolecer e estava pronta para o desafio de futebol, com rapazes e raparigas, até durar. Aproveitando as latas de sardinhas vazias, com as rodas feitas em maoleira ou com restos de chinelos velhos, com uma corda presa na parte da frente faziam assim os sonhados carrinhos de corda. Na falta de berlindes verdadeiros, arranjavam frutos secos ou pedrinhas redondas para os substituir. Nas árvores dos quintais faziam os baloiços, para além dos seus pequenos jardins e canteiros para a hortaliça. Regra geral tinham também os seus animais de estimação como um cão, gato, macaco,catatua, lacos (espécie de raposa) ou loricos a quem ensinavam a falar.

Os rapazes construiam dentro dos quintais as suas cabanas, e com estacas de mandioca ou pedaços de madeiram construiam as armas para as suas brincadeiras infantis nunca imaginando elas que, mais tarde, teriam que vir a construir palhotas no mato e pegar em armas de verdade e lutar com um inimigo real.

Quanto às velhas tradições, alguns pais não as transmitiam aos filhos, porque já tinham sido educados à maneira ocidental embora no fundo alguma coisa ficasse neles de profundamente timorense, como por exemplo, ser supersticioso. Se uma pessoa estava de saída e ouvia cantar a lagarticha ou alguém espirrava, era sinal de que deveria ficar mais uns minutos. Quando os gatos começavam a arranhar e a chorar era porque alguém ia morrer. Se o galo cantasse fora de horas ou batesse as asas sem parar ou ainda, se se deixasse a concha dentro da panela era forma de chamar a guerra para o país.

Quando uma galinha ao passear com os seus filhos se criava uma luta entre dois deles, era sinal de que estavam para chegar visitas. Os rapazes e as raparigas eram proibidos de comer arroz queimado porque senão choveria muito no dia do casamento. Também não se podiam comer frutas coladas na mesma casca para mais tarde não lhes nascerem filhos gémeos. Andar com as mãos na cabeça era sinal de desejar a morte a alguém da família; colocar o sal na palma da mão era sinal de que poderia vir a ser um ladrão.

Para os timorenses, qualquer festa era alegria de viver. Os pais gostavam de levar os filhos desde pequeninos para ouvirem a música e dançarem e desta forma apreenderem a participar, sem vergonha, na vida social. Alguns pais levavam também os filhos às cerimónias tradicionais, quando da chegada dalguma personagem ilustre, e as crianças gostavam do barulho dos batuques e dos gongs, das danças tradicionais e dos trajes de cores berrantes.

O sonho dessas crianças era serem felizes na vida, usufruirem de tudo o que as rodeava e conseguirem triunfar nos ideais que tinham.

CRIANÇAS TRAUMATIZADAS PELA GUERRA

Existem cicatrizes inapagáveis dentro de todas as crianças que desde a invasão de Dili, em 1975, testemunharam ou viveram todas as agressões praticadas pelas forças indónesias sobre as suas famílias ou sobre o povo de Timor Leste. A captura da população, as prisões cheias em todo o território durante as campanhas de 1978-1979, o desaparecimento e os desterros sucessivos; tudo isto fez crescer nelas o ódio e a vingança e fez delas, hoje, os maiores contestadores da política indónesia. Promoveram manifestações pelas ruas de Dili, para chamarem a atenção ao mundo e ás próprias autoridades indónesias ,de que são os continuadores da luta à determinação do povo timorense de ser livre e independente e de que a resistência sempre existiu nas zonas ocupadas desde 1979, quando o inimigo ocupou as bases de apoio da Fretilin.

Hoje, essas crianças, são a força representativa do povo, são a esperança na reconstrução da sua pátria, são os defensores da futura nação. Continuam a arriscar, a atravessar o caminho dificíl, a resistir apesar dos longos anos de resistência, porque sentem que é um dever de cada filho de Timor Leste em prosseguir na defesa do direito do seu povo querido à independência. **Objectivo sagrado esse: a independência para a sua pátria e para o seu povo.**